

caderno do
PROFESSOR

FILOSOFIA



ensino médio
2ª SÉRIE
volume 4 - 2009



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
José Serra

Vice-Governador
Alberto Goldman

Secretário da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário-Adjunto
Guilherme Bueno de Camargo

Chefe de Gabinete
Fernando Padula

Coordenadora de Estudos e Normas
Pedagógicas
Valéria de Souza

Coordenador de Ensino da Região
Metropolitana da Grande São Paulo
José Benedito de Oliveira

Coordenador de Ensino do Interior
Rubens Antonio Mandetta

Presidente da Fundação para o
Desenvolvimento da Educação – FDE
Fábio Bonini Simões de Lima

EXECUÇÃO

Coordenação Geral
Maria Inês Fini

Concepção
Guiomar Namó de Mello
Lino de Macedo
Luís Carlos de Menezes
Maria Inês Fini
Ruy Berger

GESTÃO

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Presidente do Conselho Curador:
Antonio Rafael Namur Muscat

Presidente da Diretoria Executiva:
Mauro Zilbovicius

Diretor de Gestão de Tecnologias
aplicadas à Educação:
Guilherme Ary Plonski

Coordenadoras Executivas de Projetos:
Beatriz Scavazza e Angela Sprenger

COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas
Pedagógicas

Coordenação do Desenvolvimento dos Conteúdos Programáticos e dos Cadernos dos Professores

Ghisleine Trigo Silveira

AUTORES

Ciências Humanas e suas Tecnologias

Filosofia: Paulo Miceli, Luiza Christov, Adilton
Luís Martins e Renê José Trentin Silveira

Geografia: Angela Corrêa da Silva, Jaime
Tadeu Oliva, Raul Borges Guimarães, Regina
Araujo, Regina Célia Bega dos Santos e
Sérgio Adas

História: Paulo Miceli, Diego López Silva,
Glaydson José da Silva, Mônica Lungov Bugelli e
Raquel dos Santos Funari

Sociologia: Heloisa Helena Teixeira de Souza
Martins, Marcelo Santos Masset Lacombe,
Melissa de Mattos Pimenta e Stella Christina
Schrijnemaekers

Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Biologia: Ghisleine Trigo Silveira, Fábola Bovo
Mendonça, Felipe Bandoni de Oliveira, Lucilene
Aparecida Esperante Limp, Maria Augusta
Querubim Rodrigues Pereira, Olga Aguilar
Santana, Paulo Roberto da Cunha, Rodrigo
Venturoso Mendes da Silveira e Solange Soares
de Camargo

Ciências: Ghisleine Trigo Silveira, Cristina
Leite, João Carlos Miguel Tomaz Micheletti Neto,
Julio César Foschini Lisbôa, Lucilene Aparecida
Esperante Limp, Maira Batistoni e Silva, Maria
Augusta Querubim Rodrigues Pereira, Paulo
Rogério Miranda Correia, Renata Alves Ribeiro,
Ricardo Rechi Aguiar, Rosana dos Santos Jordão,
Simone Jaconetti Ydi e Yassuko Hosoume

Física: Luís Carlos de Menezes,
Estevam Rouxinol, Guilherme Brockington,
Ivã Gurgel, Luís Paulo de Carvalho Piassi, Marcelo
de Carvalho Bonetti, Maurício Pietrocola Pinto
de Oliveira, Maxwell Roger da Purificação Siqueira,
Sonia Salem e Yassuko Hosoume

Química: Maria Eunice Ribeiro Marcondes
Denilse Moraes Zambom, Fábio Luiz de Souza,
Hebe Ribeiro da Cruz Peixoto, Isis Valença de
Souza Santos, Luciane Hiromi Akahoshi, Maria
Fernanda Penteado Lamas e Yvone
Mussa Esperidião

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Arte: Gisa Picosque, Mirian Celeste Martins,
Geraldo de Oliveira Suzigan, Jéssica Mami Makino
e Sayonara Pereira

Educação Física: Adalberto dos Santos Souza,
Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches
Neto, Mauro Betti e Sérgio Roberto Silveira

LEM – Inglês: Adriana Ranelli Weigel Borges, Alzira
da Silva Shimoura, Lívia de Araújo Donnini Rodrigues,
Priscila Mayumi Hayama e Sueli Salles Fidalgo

Língua Portuguesa: Alice Vieira, Débora Mallet
Pezarim de Angelo, Eliane Aparecida de Aguiar,
José Luís Marques López Landeira e João Henrique
Nogueira Mateos

Matemática

Matemática: Nilson José Machado, Carlos
Eduardo de Souza Campos Granja, José Luiz Pastore
Mello, Roberto Perides Moisés, Rogério Ferreira da
Fonseca, Ruy César Pietropaolo e Walter Spinelli

Caderno do Gestor

Lino de Macedo, Maria Eliza Fini e Zuleika de Felice
Murrie

Equipe de Produção

Coordenação Executiva: Beatriz Scavazza

Assessores: Alex Barros, Beatriz Blay, Carla de
Meira Leite, Eliane Yambanis, Heloisa Amaral Dias
de Oliveira, José Carlos Augusto, Luiza Christov,
Maria Eloisa Pires Tavares, Paulo Eduardo Mendes,
Paulo Roberto da Cunha, Pepita Prata, Renata Elsa
Stark, Ruy César Pietropaolo, Solange Wagner
Locatelli e Vanessa Dias Moretti

Equipe Editorial

Coordenação Executiva: Angela Sprenger

Assessores: Denise Blanes e Luis Márcio Barbosa

Projeto Editorial: Zuleika de Felice Murrie

Edição e Produção Editorial: Conexão Editorial,
Buscato Informação Corporativa, Verba Editorial e
Occy Design (projeto gráfico)

APOIO

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da
Educação

CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias de educação do país, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas no material da SEE-SP que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.

S239c

Caderno do professor: filosofia, ensino médio - 2ª série, volume 4 / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Adilton Luís Martins, Luiza Christov, Paulo Miceli. – São Paulo : SEE, 2009.

ISBN 978-85-7849-403-2

1. Filosofia 2. Ensino Médio 3. Estudo e ensino I. Fini, Maria Inês. II. Martins, Adilton Luís. III. Christov, Luiza. IV. Miceli, Paulo. V. Título.

CDU: 373.5:101

Caras professoras e caros professores,

Este exemplar do Caderno do Professor completa o trabalho que fizemos de revisão para o aprimoramento da Proposta Curricular de 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental – Ciclo II e do Ensino Médio do Estado de São Paulo.

Graças às análises e sugestões de todos os professores pudemos finalmente completar um dos muitos recursos criados para apoiar o trabalho em sala de aula.

O conjunto dos Cadernos do Professor constitui a base estrutural das aprendizagens fundamentais a serem desenvolvidas pelos alunos.

A riqueza, a complementaridade e a marca de cada um de vocês nessa elaboração foram decisivas para que, a partir desse currículo, seja possível promover as aprendizagens de todos os alunos.

Bom trabalho!

Paulo Renato Souza

Secretário da Educação do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

São Paulo faz escola – Uma Proposta Curricular para o Estado 5

Ficha do Caderno 7

Orientação sobre os conteúdos Do Caderno 8

Situações de Aprendizagem 9

Situação de Aprendizagem 1 – Introdução à Bioética 9

Situação de Aprendizagem 2 – Técnica 18

Situação de Aprendizagem 3 – A Condição Humana e a Banalidade do Mal 24

Considerações Finais 32

SÃO PAULO FAZ ESCOLA – UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ESTADO

Caros(as) professores(as),

Este volume dos Cadernos do Professor completa o conjunto de documentos de apoio ao trabalho de gestão do currículo em sala de aula enviados aos professores em 2009.

Com esses documentos, a Secretaria espera apoiar seus professores para que a organização dos trabalhos em sala de aula seja mais eficiente. Mesmo reconhecendo a existência de classes heterogêneas e numerosas, com alunos em diferentes estágios de aprendizagem, confiamos na capacidade de nossos professores em lidar com as diferenças e a partir delas estimular o crescimento coletivo e a cooperação entre eles.

A estruturação deste volume dos Cadernos procurou mais uma vez favorecer a harmonia entre o que é necessário aprender e a maneira mais adequada, significativa e motivadora de ensinar aos alunos.

Reiteramos nossa confiança no trabalho dos professores e mais uma vez ressaltamos o grande significado de sua participação na construção dos conhecimentos dos alunos.

Maria Inês Fini
Coordenadora Geral
Projeto São Paulo Faz Escola



FICHA DO CADERNO

Nome da disciplina: Filosofia

Área: Ciências Humanas e suas Tecnologias

Etapa da educação básica: Ensino Médio

Série: 2^a

Volume: 4

Temas e conteúdos: Introdução à bioética e à condição humana

ORIENTAÇÃO SOBRE OS CONTEÚDOS DO CADERNO

Caro professor,

Neste Caderno, vamos propor reflexões sobre o mundo tecnológico e a banalização do mal, considerando esta última questão com base nas formulações de Hannah Arendt relativas à condição humana. Como nos outros Cadernos, não apresentamos nenhum conteúdo obrigatório, mas apenas modelos que poderão ser usados por você para trabalhar estes e outros temas com seus alunos.

O desafio continua o mesmo: apresentar a reflexão filosófica para o enfrentamento dos problemas cotidianos. Novamente, para este fim, os exercícios de reflexão foram organizados visando a valorização, objetiva e subjetiva, da cidadania, que deve ser, antes de tudo, ética e política.

Questões da sociedade contemporânea serão analisadas como conteúdos para o desenvolvimento das reflexões. O trabalho proposto procura introduzir o aluno no universo

de alguns problemas relacionados à **bioética**, tema de grande atualidade e que trata do conhecimento médico, dos valores culturais, da legislação e dos próprios significados existenciais. Procura também promover uma reflexão crítica sobre a sociedade tecnológica e o pensamento tecnicista, que interfere em todos os aspectos da vida humana. Além disso, os alunos serão convidados a pensar e a agir de maneira consciente e inovadora.

E, para tanto, é fundamental a sua participação, pois uma das lições da história consiste em mostrar que a força, a coerção, o medo e a sedução são incapazes de levar à emancipação humana, algo que depende, diretamente, da Educação. Sem ela, quais sonhos são possíveis?

Este Caderno, desse modo, é destinado aos educadores que visam a realização desses sonhos possíveis.

Bom trabalho!

SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 INTRODUÇÃO À BIOÉTICA

A princípio, vamos estabelecer algumas questões: *O que é moral ou ético? Como agir em determinadas situações que podem ser erradas do ponto de vista legal, mas que parecem corretas do ponto de vista moral? Qual é o conceito de vida humana? O que é certo e o que é errado quando avaliamos os resultados do avanço tecnológico? A quem esse avanço beneficia?* Como responder a estas ou outras questões cruciais de uma sociedade em que as tecnologias tornam-se obsoletas da noite para o dia, mas que ainda se vê completamente envolvida com importantes temas que continuam provocando debates sem que se chegue a qualquer conclusão definitiva ou unânime?

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é iniciar o debate sobre alguns problemas relacionados à bioética, como saúde pública, conceito de vida humana, meio ambiente, ética médica, medicalização da existência, corporeidade, planejamento familiar e outros temas polêmicos.

Com os avanços científicos e tecnológicos na área médica, a relação com o corpo e com a saúde experimenta mudanças cada vez mais intensas, fazendo com que valores seculares sejam incapazes de responder a questões absolutamente novas. Enfim, como pensar novos paradigmas éticos diante de um mundo cada vez mais novo e nem sempre admirável?

Tempo previsto: 4 aulas.

Conteúdos e tema: bioética.

Competências e habilidades: leitura, escrita e expressão oral com base na compreensão e na crítica para pensar a bioética.

Estratégias: exercícios de reflexão e leitura.

Recursos: filme e texto para leitura.

Avaliação: como muitas das tarefas são realizadas em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação oral são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Sondagem e sensibilização – Ler, ouvir e dialogar – Introdução à temática da bioética

Para essas aulas, propõe-se a exibição do filme *Mar adentro* (direção de Alejandro Amenábar, 2004). Considerando a duração do filme, você pode organizar uma apresentação extraclasse. Caso isso seja inviável, selecione os excertos principais do filme, mas tenha o cuidado de informar os alunos sobre a história de Ramón Sampedro, um tetraplégico, e sua dramática luta para poder morrer. Preso a uma cama, incapacitado de mover partes do corpo, à exceção da cabeça, deseja pôr fim a essa situação. O filme trata, diretamente, da questão da eutanásia, tema que permite um debate sobre as relações entre ciência, religião e os princípios do Estado e do direito.

Obviamente, considerando que entram em jogo valores de caráter cultural, especialmente religiosos, o professor deve cuidar para que os debates sejam conduzidos de forma aberta, mas sempre respeitosa, permitindo e incentivando a participação de todos os estudantes. Entre os temas que podem ser sugeridos à classe, apontamos:

- ▶ justiça laica e valores religiosos;
- ▶ valor e sentido da vida humana;
- ▶ liberdade diante dos valores culturais;
- ▶ desespero ante a existência;
- ▶ relação da família com uma pessoa enferma;
- ▶ pessoas portadoras de deficiência;
- ▶ tratamento com células-tronco;
- ▶ doação de órgãos e tecidos.

Depois de conduzir o debate, oriente a leitura dos textos a seguir.

Texto 1 – Leis nazistas sobre a purificação da raça

Entre 1933 e 1945, ocorreram três fatos importantes que incluíram progressivamente as instituições médicas na formulação e na realização de políticas públicas “eugenistas” e racistas, formuladas desde 1924 por Hitler em seu livro-propaganda *Mein Kampf* (*Minha luta*).

1. Lei de 14 de julho de 1933, sobre a esterilização – “lei para a prevenção contra uma descendência hereditariamente doente” –, que estabelecia uma ligação estreita entre médicos e magistrados, por meio de um “tribunal de saúde hereditária”, e que seria complementada, em 1935, pelas leis de Nuremberg – “Lei da Cidadania do Reich” e “Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemães” –, relativas sobretudo a populações judias e ciganas e à interdição de casamento entre pessoas de “raças diferentes”.
2. Circular de outubro de 1939 sobre a eutanásia a ser praticada em doentes considerados incuráveis, isto é, de “vidas que não valem a pena serem vividas”, criando seis institutos para a prática da eutanásia por injeção de morfina-escopolamina ou, quando julgada ineficaz, por sufocamento em câmaras de gás por meio de monóxido de carbono e do inseticida Zyklon B (que foi amplamente utilizado em Auschwitz a partir de 1941), decidido e controlado por médicos.
3. Criação, a partir de 1941, dos campos de extermínio, organizados e controlados pelos mesmos responsáveis pelo programa de morte por eutanásia.

Adaptado de PALÁCIOS, Marisa; REGO, Sérgio; SCHRAMM, Fermin R. A regulamentação brasileira em ética em pesquisa envolvendo seres humanos. In: MEDRONHO, Roberto. et al. (Orgs.). *Epidemiologia*. São Paulo: Atheneu, 2002. ¹

¹ Dois anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, em 19 de agosto de 1947, ocorreu o julgamento de médicos nazistas no Tribunal de Nuremberg. Nesse tribunal, 20 médicos e três administradores foram julgados por “assassinatos, torturas e outras atrocidades cometidas em nome da ciência médica”, como também foram levantadas questões éticas sobre experimentação em seres humanos, com as quais a nova ciência médica iria se defrontar cada vez mais nos anos seguintes.

Destaque para os alunos que todos esses programas de “purificação” tiveram a participação de médicos e juristas tanto no planejamento quanto na execução, o que garantia a legitimidade científica e moral das ações do Estado totalitário nazista, mas não admitiam

qualquer manifestação das pessoas que seriam submetidas à eutanásia. Além disso, comente que essas ações envolviam recursos públicos destinados a pesquisas científicas, que, em alguns casos, chegava a provocar a doença no indivíduo para que ela pudesse ser investigada.

Texto 2 – Algumas experiências com seres humanos

[...]

1932-1972 – Três casos mobilizaram a opinião pública americana:

- a) em 1963, no Hospital Israelita de Doenças Crônicas, em Nova York, foram injetadas células cancerosas vivas em idosos doentes;
- b) entre 1950 e 1970, no Hospital Estadual de Willowbrook, em Nova York, injetaram o vírus da hepatite em crianças com deficiência mental;
- c) Em 1932, no Estado do Alabama, no que foi conhecido como o caso Tuskegee, 400 negros com sífilis foram recrutados para participarem de uma pesquisa de história natural da doença e foram deixados sem tratamento. Em 1972 a pesquisa foi interrompida após denúncia no *The New York Times*. Restaram 74 pessoas vivas sem tratamento [...].

Adaptado, para fins didáticos, de *Bioética e Medicina*. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.cremerj.org.br/publicacoes/86.PDF>>. Acesso em: 11 ago. 2009.

Dialogar – Introdução à bioética

A reflexão sobre os textos pode ser desenvolvida com ajuda do professor de História, especialmente no que se refere ao contexto do nazismo. Você pode dividir a classe em grupos, pedindo aos alunos que se posicionem quanto às questões.

- ▶ *A quem cabe decidir sobre o direito à vida? Ao Estado, à ciência ou à religião?*
- ▶ *Como considerar a decisão de cada um?*

Lembre os alunos de que eles devem considerar as reflexões suscitadas pelos dois textos e pelo filme *Mar adentro*. Em seguida, deverão registrar suas considerações no Caderno, para posterior discussão.

Depois, peça a um representante de cada grupo que apresente a síntese das conclusões a que chegaram. Como você sabe, para todas essas questões não há respostas **certas** ou **erradas**. Entre o **sim** e o **não** de cada um, há ponderações complexas, o que as faz pertinentes ao tratamento na escola. É quase certo que não se chegará a nenhuma conclusão sobre elas, mas o simples fato de os alunos – sob sua orientação – poderem discutir, abertamente, suas posições e refletir sobre seus compromissos já é algo positivo para sua formação.

Para facilitar o encaminhamento das discussões, apresentamos a seguir dois breves textos informativos, estando um deles também (O primado da vida) presente no Caderno do Aluno.

A bioética

O avanço científico, sobretudo no campo da medicina e da biologia, trouxe a possibilidade de intervenção e transformação da natureza em proporções aceleradas e profundas; exigindo análises cuidadosas por parte não apenas da comunidade científica, mas de todos os cidadãos sobre as consequências de tais transformações para a vida no planeta. Com esse compromisso, surge a bioética, um campo interdisciplinar de conhecimentos, cujo foco central é a reflexão ética sobre as descobertas científicas e tecnológicas que se relacionam diretamente com a vida e a saúde.

Alguns temas privilegiados pela bioética são: os alimentos transgênicos; o aborto; a eutanásia; a reprodução humana.

A eutanásia é um dos temas mais polêmicos. Prática utilizada para abreviar a vida de alguém que sofre em estado de invalidez ou doença sem perspectiva de cura, a eutanásia traz para a sociedade questionamentos de natureza religiosa, psicológica, filosófica e biológica sobre a dor, o direito à vida e à morte. A importância da bioética se dá, justamente, na medida em que pode oferecer princípios e fundamentos originados na reflexão filosófica, na ética, para as decisões legais e políticas sobre a eutanásia.

Decisões em torno da vida e da morte, cercadas por questionamentos sobre o que significa uma vida digna para todos, dizem respeito aos legisladores, aos profissionais da saúde, aos pesquisadores, mas, sobretudo merecem ser debatidas por todos os cidadãos. Dessa forma, a bioética é campo que deve ser analisado em processos educacionais, para que se garanta a informação e a reflexão acerca de problemas fundamentais para a vida humana. Para o Estado secular, a defesa da vida deve estar ligada à ciência e à reflexão crítica. A informação e a ética devem ser inspiradoras da liberdade de cada cidadão no momento de optar por soluções referentes à sua saúde e vida.

Por isso, o tratamento desses temas precisa ser considerado em sua mais urgente característica educacional, preparando os cidadãos para construção do Estado de Direito, fazendo com que bioética e política se aliem nesse processo.

O Brasil conta com a Sociedade Brasileira de Bioética, criada em 1995 com o objetivo de divulgar a bioética e preparar recursos humanos para atuarem em comitês regionais para discussão e encaminhamento de questões ligadas à vida e à saúde.

O Brasil participou ativamente dos debates e dos processos que culminaram com a elaboração e proclamação da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, adotada em 2005 pela 33ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

A leitura do texto a seguir requer cuidado para que as discussões não sejam encaminhadas para o senso comum ou para o julgamento superficial derivado da condenação às opções religiosas das pessoas. Certamente, muitos seguidores de várias religiões – inclusive seus alunos e colegas professores – abraçam posições

semelhantes às manifestadas pelos líderes religiosos referidos no texto, mas o importante aqui é refletir abertamente com os estudantes sobre essas questões. Não se trata, enfim, de perguntar qual dos lados eles apoiam ou com qual deles se identificam, mas sim de ampliar seus horizontes de reflexão crítica.

O primado da vida

Com a Aids disseminada, é hora de o magistério católico se perguntar se o preservativo não seria mesmo “um mal menor”

Frei Betto

Doutrina e teologia da Igreja Católica conheceram consideráveis avanços neste século, sobretudo a partir do Concílio Vaticano 2º (1962-65). Outrora, o planejamento familiar dependia da abstinência sexual; o carinho dentro do casal era pecado; protestantes e judeus, abominados; o ecumenismo, impensável; o latim, obrigatório nas missas; a batina, única indumentária social do padre. Hoje, celebra-se em língua vernácula; o papa reúne-se com representantes de diversas religiões e visita a sinagoga de Roma, é fotografado em trajes esporte ao esquiar e pede perdão pelo anti-semitismo da igreja, pelos erros da Inquisição, pela condenação de Galileu e das teorias de Darwin.

Mesmo a Teologia da Libertação, encarada com suspeita na década de 80, incorpora-se agora aos discursos papais. Basta reler seus pronunciamentos em Cuba (98) e no México (99), condenando o neoliberalismo e a globalização, bem como seus insistentes apelos em prol da reforma agrária e da suspensão do pagamento da dívida externa.

A cidadela inexpugnável é, ainda, a teologia moral. Sobretudo o capítulo concernente à moral sexual, que proíbe relações sexuais sem finalidade procriatória; condena o homossexualismo; impede os casais de segundas núpcias, exceto na viuvez, de acesso aos sacramentos e veta o uso de preservativos, malgrado a Aids ter tirado a vida, em 1999, de cerca de 4 milhões de pessoas.

As autoridades da igreja, felizmente, demonstram maior tolerância nesse mundo pluralista, em que não se pode pretender que a moral preceituada à instituição seja imposta à sociedade. Talvez isso explique o fato de João Paulo 2º, em sua última visita ao Rio, ter acolhido no altar cantores que já passaram por vários casamentos.

Frente à ameaça da Aids, o que o padre Valeriano Paitoni declarou à Folha (2/7) em nada destoa do que antes dissera dom Paulo Evaristo Arns: que o preservativo é “um mal menor”.

O magistério eclesial sabe que é direito e dever dos teólogos – pois é esse o carisma deles: debater todas as questões concernentes à vida de fé – e que “os pastores nem sempre perceberam todos os aspectos e todas as complexidades de algumas questões” (Congregação para a Doutrina da Fé, 1990).

A questão sexual à luz das fontes da revelação cristã situa-se num contexto mais amplo, que engloba desde o papel da mulher na igreja até o fim do celibato obrigatório para os padres seculares, bem como a volta ao ministério dos que se encontram casados. Como uma lente que se abre progressivamente, tais temas devem ser tratados com menos preconceito e mais estudos bíblicos, menos autoritarismo e mais diálogo com a comunidade dos fiéis, como fez dom Cláudio Hummes, ao receber, semana passada, entidades solidárias aos portadores do vírus HIV.

A tradição ou história da igreja é uma boa mestra quando não se quer repetir equívocos. Os irmãos Cirilo e Metódio evangelizaram a Morávia, no século 9º. Criaram o alfabeto cirílico, base do russo atual. Traduziram para o eslavo os textos bíblicos. Os bispos alemães protestaram, alegando que Deus só podia ser louvado nas três línguas da cruz: hebraico, latim e grego. Cirilo morreu em 869. Metódio foi preso por ordem dos bispos alemães. O papa João 8º negociou sua libertação em troca do latim na liturgia. Metódio recusou-se a abrir mão do eslavo. Dois anos depois, o papa cedeu e, séculos adiante, João Paulo 2º exaltaria os dois irmãos.

Condenada pela igreja, ela foi queimada viva, em 1431, como “herege e idólatra”. Camponesa e

analfabeta, tinha 19 anos, vestia-se de homem e andava armada. Canonizada em 1920, hoje é venerada como santa Joana d'Arc. Na encíclica "Mirari vos", de 1832, Gregório 16 condenou o mundo moderno, as liberdades de consciência e de imprensa e a separação entre igreja e o Estado. Em 1864, Pio 9º reafirmou a sentença.

Continua vigente o decreto do Santo Ofício assinado por Pio 12, em 1949, e confirmado por João 23, em 1959, pelo qual os católicos que votarem ou se filiarem a partidos comunistas, escreverem livros ou artigos filocomunistas estão excluídos dos sacramentos. "Ninguém pode, ao mesmo tempo, ser bom católico e socialista verdadeiro", disse Pio 11.

Hoje, João Paulo 2º admite que "o socialismo continha sementes de verdade", visita Cuba, mostra-se encantado com a Internet, louva os progressos científicos e técnicos e percorre o mundo em viagens aéreas. "Eppur si muove", malgrado o decreto de 1616, do Santo Ofício, condenando aqueles que diziam que a Terra se move. Não só o planeta, mas os costumes e a hermenêutica dos fundamentos da doutrina.

Jesus não condenou a adúltera (Jo 7) nem a samaritana que estava no sexto marido (Jo 4) nem deixou de escolher Pedro para chefiar o grupo apostólico porque ele era casado (Mc 1). Cobriu-os de compaixão, revelando-lhes o coração amoroso de Deus.

É hora de o magistério católico se perguntar se o preservativo pode ser descartado, quando se sabe que até mulheres casadas são infectadas por seus maridos pelo vírus da Aids. O preceito evangélico da vida como bem maior de Deus e o princípio tomista da legítima defesa não se aplicariam aí?

Folha de S. Paulo, 30 de julho de 2000.

Como atividade em grupo, os alunos poderão responder:

1. Qual a polêmica central apresentada pelo autor?
2. Como você ou seu grupo se posicionam em relação a essa polêmica? Justifique.

Como analisar a mercantilização da vida promovida pela indústria farmacêutica, pelos planos de saúde e por parte considerável das pesquisas?

Remédios, consultas e tratamentos médicos, planos de saúde e até pesquisas sobre doenças e genética humana transformaram a vida em uma espécie de mercadoria, ou fonte de consumo.

Quando ao atendimento das necessidades essenciais das pessoas se sobrepõe o desejo de

lucro, a questão se transforma num problema ético por excelência. O problema da comercialização dos recursos da saúde não deveria colocar em jogo o valor da vida humana.

No Brasil, programas e iniciativas do poder público em diferentes níveis têm possibilitado a produção de remédios mais baratos e a ampliação dos tipos de tratamento disponíveis para a população. A educação, por sua vez, também amplia as oportunidades de acesso à saúde, facilitando a adoção de cuidados preventivos e as respostas mais rápidas aos primeiros sintomas de doenças. Não se pode esquecer ainda das campanhas de vacinação, de alimentação equilibrada e da constante vigilância sanitária. Tudo isso, obviamente, é positivo, mas, como sabemos, ainda há muito a fazer.

Por outro lado, é importante notar a medicalização crescente da sociedade, causada pela ideia de que a medicina pode resolver tudo,

evidentemente com a ajuda dos produtos farmacêuticos. Segundo essa tendência, para quase tudo se acena com um tipo de remédio, além daqueles que curam as sequelas do uso de outros, e assim por diante, numa espécie de reação em cadeia. Há remédios para ficar forte, aliviar o cansaço, iluminar a pele, emagrecer, engordar, ficar bonito, sem dor, bem-disposto e muitos outros, que cada vez mais encham as prateleiras das farmácias espalhadas em muitas ruas, praças e shoppings das cidades.

Isso quer dizer que, além dos tratamentos indispensáveis para a vida, há crescente aumento de produtos destinados a atender necessidades secundárias ou até pseudonecessidades

Que é necessário combater a obesidade, por exemplo, ninguém duvida, mas muitas pessoas que estão fora do peso e não são rigorosamente obesas substituem cuidados com a alimentação e exercícios físicos por remédios. Se a propaganda promete efeitos mais rápidos para o emagrecimento ou para a conquista da forma considerada socialmente como ideal, isso não significa que a responsabilidade pessoal ou social possa ser substituída pelo mercado da saúde. Aqui está outra área de atuação da bioética, que se preocupa não apenas com o acesso econômico das pessoas aos produtos farmacêuticos, mas também com a imposição mercadológica de produtos em áreas que podem dispensar qualquer forma de medicalização.

O ser humano ideal e os avanços da engenharia genética

O avanço da engenharia genética e as pesquisas com células-tronco embrionárias sugerem a possibilidade de que um indivíduo possa vir a superar possíveis doenças e também de controle e seleção de determinadas características genéticas. Em meio a tudo isso, é possível perguntar: Que ser humano é desejado e que

ser humano deve ser evitado? Até que ponto os pais podem decidir sobre como devem ser os filhos? Com a manipulação genética, apresenta-se outro problema bioético, a respeito de como devem ser os filhos: Que seres podem ser escolhidos ou recusados? Como podem (ou devem) ser metamorfoseados? Não era esse o sonho hitleriano de criar uma raça perfeita, pura, eliminando toda e qualquer imperfeição?

Sem dúvida, a bioética implica a necessidade de reflexões existenciais, como as de Sartre, Foucault, Heidegger, da Escola de Frankfurt, além de muitas outras, já que a relação do eu com o próprio corpo não deixa de ser um dos pressupostos mais importantes da subjetividade contemporânea.

Esses filósofos colaboram para analisarmos o corpo como um ente situado no mundo e, sobre este corpo, recaem interesses de disciplinação e dominação que marcam e constituem subjetividades.

Propostas de Questões para Avaliação

1. Com base na “Lei para a prevenção contra uma descendência hereditariamente doente” (14/7/1933), que conferia ao Tribunal Superior de Saúde Hereditária o direito de resolver qual pessoa deveria ser esterilizada ou passar por procedimentos indicados pelos médicos, mesmo sem o seu consentimento, analise a relação entre médicos e magistrados na Alemanha nazista.

Os alunos deverão perceber que esses programas nazistas tiveram a participação de médicos e juristas tanto no planejamento quanto em sua execução, a fim de garantir a “legitimidade” científica e moral das ações do Estado totalitário, sem qualquer consideração pela opinião das pessoas que seriam submetidas à eutanásia. Além disso, devem

perceber que essas ações envolviam recursos públicos destinados a pesquisas científicas, e entre as quais havia as que consistiam em provocar a doença no indivíduo para que ela pudesse ser investigada.

2. Leia com atenção o texto a seguir:

“Nas últimas duas décadas, os problemas éticos da Medicina e das ciências biológicas explodiram em nossa sociedade com grande intensidade. Isso mudou as formas tradicionais de fazer e decidir utilizadas pelos profissionais da Medicina. Constitui um desafio para a ética contemporânea providenciar um padrão moral comum para a solução das controvérsias provenientes das ciências biomédicas e das tecnologias aplicadas à saúde. A bioética, nova imagem da ética médica, é o estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e cuidado da saúde, enquanto essa conduta é examinada à luz dos valores e princípios morais.”

CLOTET, Joaquim. Por que Bioética? *Revista Bioética*, v.1, n.1, p. 13-19, 1993. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/bioetpq.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2009.

Segundo o que nos propõe o autor, e à luz das discussões desenvolvidas nesta Situação de Aprendizagem, analise as seguintes informações:

- I. Mais do que nunca, é preciso preservar as formas tradicionais de fazer e decidir utilizadas pelos profissionais da medicina.
- II. As pesquisas nas áreas biomédicas devem ser conduzidas livremente, independentemente de qualquer consideração de ordem moral.
- III. A medicina, como ciência da vida, não deve ser submetida a critérios éticos de avaliação e controle.

- IV. As questões que dizem respeito à pesquisa nas áreas da biologia e da medicina não têm qualquer reflexo sobre a vida social.
- V. A solução das controvérsias provenientes das ciências biomédicas e das tecnologias aplicadas à saúde **não** constitui um desafio para a ética contemporânea.

Estão **incorretas**:

- a) Todas as proposições;
 - b) I, II, IV e V;
 - c) I, III, IV e V;
 - d) IV e V;
 - e) Nenhuma das proposições.
3. Sobre a decisão tomada no Hospital Estadual de Willowbrook, em Nova York, entre 1950 e 1970, de injetar o vírus da hepatite em crianças com deficiência mental, é possível afirmar que:
- I. O Estado agiu de forma correta, já que cabe a ele decidir sobre as “vidas que merecem ser vividas”, na medida em que decide sobre o uso dos recursos públicos.
 - II. A contaminação das crianças deficientes foi positiva, visto que poderia resultar na cura de pessoas *saudáveis*.
 - III. A decisão contraria os princípios éticos que devem orientar as pesquisas científicas, uma vez que o ser humano não pode ser alvo de experiências que o coloquem em risco de vida ou de doença.
- Segundo ponto de vista ético, estão **corretas** as alternativas:
- a) I, II e III;

- b) I e III;
 c) I e II;
 d) II e III;
 e) III.
4. Assinale os critérios que, de acordo com as discussões sobre bioética, devem orientar a distribuição de recursos para a saúde pública:
- a) Quem tem dinheiro deve ter acesso a recursos escassos como técnicas, remédios e órgãos humanos.
- b) Quem corre risco de vida deve ter acesso prioritário a esses recursos.
- c) Profissionais que, no exercício de sua profissão, podem beneficiar a vida de outras pessoas deverão ter acesso prioritário aos recursos.
- d) As pessoas que melhor responderão ao tratamento devem ser privilegiadas no uso dos recursos.
- e) A destinação dos recursos deve deixar de fora os portadores de qualquer forma de deficiência.

No Caderno do Aluno contamos com três questões para avaliação. Sugerimos uma quarta questão, que poderá ser ou não apresentada à classe.

Propostas de Situações de Recuperação

Proposta 1

Solicite aos alunos que pesquisem o assunto e elaborem um relatório de cerca de três

páginas respondendo à questão: *O que você entende por bioética e quais são seus espaços de atuação?*

Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

Livros

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Filme

Mar adentro. Direção: Alejandro Amenábar, Espanha / Itália / França, 2004. 125min. Drama.

Sites

Bioética. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/bioetica.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2009.

Bioética: demarcando fronteiras. Disponível em: <http://www.ghente.org/bioetica/demarcando_fronteras.htm>. Acesso em: 14 jul. 2009.

Bioética – histórico. Disponível em: <<http://www.ghente.org/bioetica/historico.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2009.

Domínio Público. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 14 jun. 2009.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2

A TÉCNICA

Nesta Situação de Aprendizagem nosso objetivo é introduzir o debate sobre a tecnologia e a sua relação com as pessoas. A partir do século XX, quase todos os grandes filósofos debateram o problema da técnica, da submissão da dimensão humana a formas de conquista imediata de poder sobre a natureza e de poder no interior das sociedades.

Homens e mulheres começaram a viver e pensar o mundo lançando mão de uma tábua axiológica de objetivos muito imediatos. Tudo vale conforme a sua função. Para tudo há de

existir uma utilidade. Caso algo não responda satisfatoriamente à indagação “para que serve?”, é descartado. O valor da própria vida humana está submetido à utilidade tecnológica, ao pragmatismo mecanicista, ao desencantamento de muitas coisas.

Por conta dessas questões, elaboramos esta Situação de Aprendizagem, visando oferecer aos alunos alguns recursos para que possam pensar, crítica e existencialmente, as suas relações com a técnica.

Tempo previsto: 4 aulas.

Conteúdos e temas: Heidegger e a técnica, crítica à razão instrumental segundo Adorno e Horkheimer.

Competências e habilidades: ampliar a reflexão crítica sobre a técnica e os valores essenciais da condição humana.

Estratégias: exercícios de reflexão e leitura.

Recursos: textos para leitura.

Avaliação: como muitas das tarefas são realizadas em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação oral são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Sondagem e sensibilização – Ouvir, dialogar e ler – A técnica

Para esta aula será necessário ter em mãos pequenas biografias de Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Na primeira aula, comece apresentando as seguintes questões:

- ▶ *Para que serve um garfo?* (para comer)
- ▶ *Para que serve um carro?* (para se locomover, namorar, fugir da chuva, satisfazer vaidades)

- ▶ *Para que serve um computador?* (para acessar sites de relacionamento, ler notícias, fazer pesquisa, trabalhar)
- ▶ *Para que serve um ser humano?*

Caso os alunos apresentem alguma utilidade associada ao ser humano, procure apresentar **os malefícios de comparar um ser humano a um instrumento**. Após o debate, você poderá orientar a leitura do seguinte texto presente no Caderno do Aluno.

Razão instrumental

“No mundo esclarecido, a mitologia invadiu a esfera profana. A existência expurgada dos demônios e de seus descendentes conceituais assume em sua pura naturalidade o caráter numinoso que o mundo de outrora atribuía aos demônios. Sob o título de fatos brutos, a injustiça social da qual esses provêm é sacramentada hoje em dia como algo eternamente intangível e isso com a mesma segurança com que o curandeiro se fazia sacrossanto sob a proteção de seus deuses. O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas as suas qualidades econômicas, salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos.”

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 35.

Com base no texto apresentado, chame a atenção dos alunos para o fato de que, com a modernidade, valorizou-se sobremaneira o progresso técnico e a autonomia com relação à natureza e mesmo com relação aos outros homens, fazendo com que os indivíduos considerem a racionalidade como um meio para atingirem o progresso de forma individual. No entanto, no momento em que os homens buscam a autonomia, acabam sendo subordinados por uma racionalidade que não pretende fazê-los progredir como homens, mas como objetos coisificados. Em suma, tornam-se submissos à racionalidade técnica e ao objetivo de controle social e da natureza. A razão instrumental refere-se a esse processo de conhecimento que pretende a dominação do mundo, o controle total da natureza e dos homens entre si. É por intermédio dela que o conhecimento e a técnica assumem tais objetivos.

É um ideal da modernidade a transformação da natureza e dos demais seres humanos em algo que se pode usar ou não. Não apenas a natureza, tudo se torna um objeto

que se pode usar e descartar, inclusive homens e mulheres.

Não se faz nada que não tenha um objetivo, uma função. Em tudo se pergunta: “Para que serve?”. Tudo e todos têm uma utilidade. Tudo e todos são instrumentos.

Exercícios

1. Depois dessa apresentação e da realização da leitura, os alunos poderão pesquisar notícias em jornais ou revistas que revelem valores associados ao processo identificado por Theodor Adorno e Max Horkheimer como coisificação do mundo. O importante é que possam utilizar os conhecimentos sobre a razão instrumental para refletir sobre valores de nossa sociedade.
2. Caso prefira, peça-lhes que escrevam uma redação com o tema: “Por que o valor da minha vida não é meramente instrumental?”

Dialogar – Heidegger e a técnica

Para esta aula será importante ter uma biografia de Martin Heidegger.

Para Heidegger, a técnica não é um instrumento inocente à disposição da humanidade. Ela pode ser usada para o bem ou para o mal. Para este autor, a técnica consiste no processo pelo qual os homens transformaram a realidade em objeto de dominação e exploração. Nesse processo de transformação do mundo em objeto, a humanidade, em sua história, esqueceu-se do ser. Esqueceu-se

de pensar o ser: o ser da natureza, o ser da humanidade, o ser da técnica. Durante toda a história da filosofia, preocupou-se mais em nomear o mundo, as ideias, os fins, e não se ocupou com a função única de pensar o ser. Mas o que é o ser? O ser é aquele que está em relação com todos demais seres do mundo, possui aparência manifesta e profundidade não perceptível sem a atividade do pensamento que procura pensar o ser, compreender o ser em sua essência.

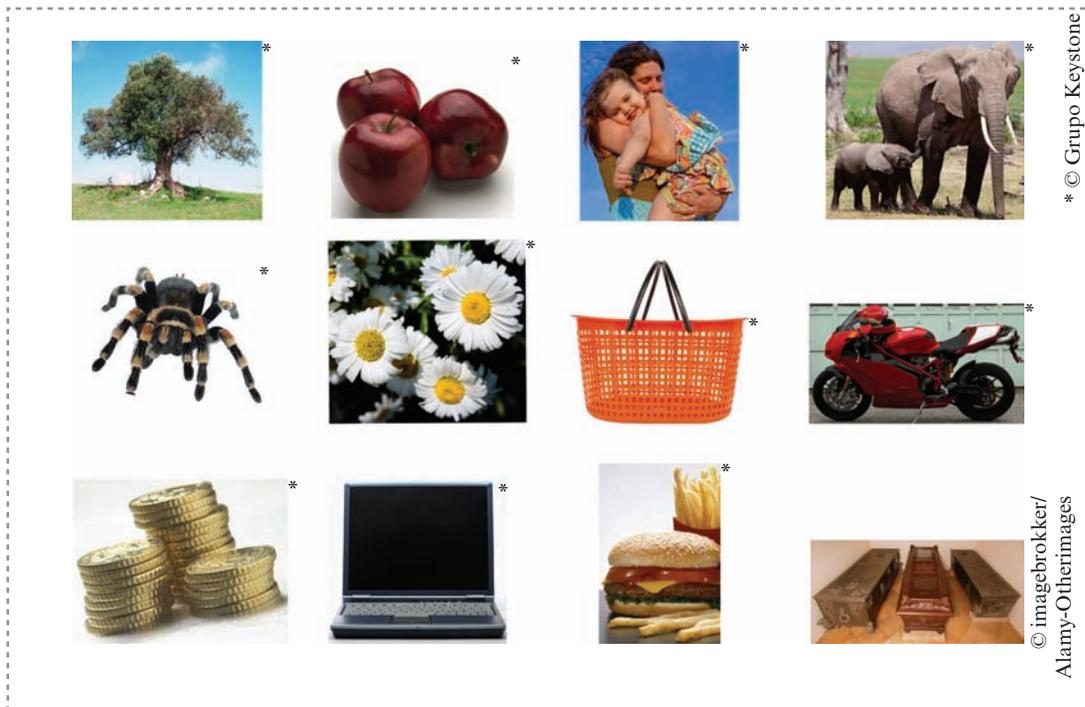
Para tudo podemos fazer a pergunta: O que é?

O que	é	amor?	O que	é	alegria?	O que	é	giz?
O que	é	maternidade?	O que	é	prazer?	O que	é	aluno?
O que	é	cavalo?	O que	é	curativo?	O que	é	homem?
O que	é	paz?	O que	é	religião?	O que	é	macaco?
O que	é	biscoito?	O que	é	copo?	O que	é	deus?
O que	é	trabalho?	O que	é	estrela?	O que	é	lápiz?

Para Heidegger, a pergunta “O que é” é algo que leva a compreender as relações deste algo para além das aparências, em toda a sua profundidade.

Apenas se poderá dizer a verdade de qualquer um a partir do ser. O que significa dizer a verdade do ser? A resposta é: pensá-lo. Observe o quadro a seguir. Nas fotos, estão vários entes: motocicleta, animais, cemitério, objetos e atitudes do dia a dia, ações – como o carinho das pessoas. Ou seja, um pouco de tudo o que pode ser nomeado. Mas todos os objetos, ou melhor, tudo o que pode ser nomeado, como montanha, céu, amor, ódio, violência, existe, ou seja, tem uma

essência, entendida como um conjunto de relações que não podem ser percebidas com a observação da aparência dos seus, mas com reflexão, questionamento e problematização que permitam compreender relações e significados destes seres com o mundo. Por isto, a verdade do ser é construída pelo pensamento. Essa essência está ligada a algo indizível que une tudo e, ao mesmo tempo, ultrapassa tudo, isto é, está ligada ao ser. Todos os que percebem a essência de alguma forma procuram desvendar o que está oculto em todos os entes; não estão presos apenas ao que aparece, mas procuram o misterioso Ser, procuram compreender o ser de forma aprofundada.



Heidegger considera como vida autêntica a do homem ou da mulher que buscam pensar o ser das coisas, que buscam o ser do mundo, buscam perguntar sobre o que existe para além da aparência. Nisso consiste a diferença com relação a todos os outros entes: homens e mulheres podem expressar o ser, podem pensá-lo, podem perguntar sobre o ser e questionar o ser para além da aparência.

Do ponto de vista ético, essa diferença constitui para Heidegger a dignidade do ser humano e consiste, também, em uma forma sublime de existência. O que verdadeiramente diferencia o ser humano de todos os outros entes não é a busca de técnicas para poder sobreviver, como as abelhas e suas colmeias, os leões e suas caças, as aranhas e suas teias ou as plantas carnívoras e suas armadilhas. Entes vivem apenas em relação de causa e efeito, tentando apenas conhecer o mundo e dele tirar a sua sobrevivência. Entes não fazem o salto mais sublime que consiste em questionar o ser, desvelar o ser.

A técnica

Pelas técnicas e pelas tecnologias, os entes e os que vivem de maneira inautêntica, sem se perguntarem pelos seres das coisas, procuram suprir suas necessidades, e até mesmo criam formas tecnológicas de pensar. No entanto, as técnicas são apenas eficazes para pensar os entes e neles agir. Viver apenas sob o domínio do pensamento tecnológico levará todos ao esquecimento do ser e, portanto, ao esquecimento da própria essência sublime dos homens.

A essência do pensamento não deve se limitar aos raciocínios simplórios, como aqueles que apenas resolvem problemas passageiros, pensamentos maquínicos, como um motor ou uma ferramenta.

Mas será que todos nós nos resumimos a problemas e soluções? O que poderíamos pensar além disso? O que poderíamos vivenciar além das ideias submetidas a interesses muito simples? Quais novas formas de pensar ainda não experimentamos? Quais limites ainda não superamos? Como revelar o ser em nossa vida cotidiana?

A seguinte leitura ajudará nesta reflexão.

“Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. Conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito. Sua realidade efetiva é avaliada segundo a utilidade que oferece. Mas a essência do agir é o consumir. Consumar significa: desdobrar alguma coisa até a plenitude de sua essência; levá-la à plenitude, *producere*. Por isso, apenas pode ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que todavia “é”, antes de tudo, é o ser. Pensar consoma a relação do ser com a essência dos homens e das mulheres. O pensar não produz nem efetua esta relação. Ele apenas oferece-a ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar o ser, ter acesso à linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que levam à linguagem e nela a conservam. Não é por ele irradiar um efeito ou por ser aplicado que o pensar se transforma em ação. O pensar age enquanto se exerce como pensar. Este agir é provavelmente o mais singelo e, ao mesmo tempo, o mais elevado, porque interessa à relação do ser com o homem. Toda eficácia, porém, funda-se no ser e se espalha sobre o ente; o pensar, pelo contrário, deixa-se requisitar pelo ser para dizer a verdade do ser. O pensar consoma este deixar.

[...]

Caso o homem encontre, ainda uma vez, o caminho para a proximidade do ser, então deve antes aprender a existir no inefável. Terá que reconhecer, de maneira igual, tanto a sedução pela opinião pública quanto a impotência do que é privado. Antes de falar, o homem deve novamente escutar, primeiro o apelo do ser, sob risco de, dócil a este apelo, pouco ou raramente algo lhe restar a dizer. Somente assim será devolvido à palavra o valor de sua essência e o homem será gratificado com a devolução da habitação para o residir na verdade do ser.”

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução e notas de Ernildo Stain. São Paulo: Nova Cultural, 1979. p. 149 e 152.

Exercício prático e teórico

Com base nos textos de Adorno, Horkheimer e Heidegger sobre a técnica, convide os alunos a participarem de uma experiência que possibilite outra visão de mundo para além do cotidiano marcado pela técnica. Trata-se de um exercício para o qual propomos que os alunos planejem e vivenciem uma experiência segundo as seguintes regras:

- ▶ não pode ser ilegal;
- ▶ tem de ser uma atividade que envolva mais pessoas;
- ▶ não pode ocorrer em lugares que sempre se visita ou onde se mora;

- ▶ tem de ter o consentimento dos responsáveis ou dos pais;
- ▶ tem de provar que a experiência foi realizada e que ela foi nova em sua vida;
- ▶ tem de entregar um relatório contendo: o que, onde, com que foi feita e, acima de tudo, o que experimentou de novo com a experiência.

Esta atividade deve ser muito estimulada, fazendo com que o aluno seja levado a uma experiência diferenciada e longe da instrumentalidade. Pode ser organizada em grupos de alunos e, caso apresentem dificuldades, você poderá planejar uma ação como visita a um museu que conte com um

projeto educativo para envolver seus estudantes em processo reflexivo; pode ser uma visita a crianças doentes hospitalizadas que necessitam desenvolver atividades de música, de poesia, de teatro; pode ser também um sarau poético na escola, cujas poesias ou músicas ofereçam reflexões sobre o mundo, a técnica, o imediatismo e o individualismo na procura do prazer.

Como não se pode ensinar a filosofar sem a experiência, essa atividade é um convite à descoberta do novo. Ela pode servir como avaliação geral dessa situação e substituir, sem prejuízo, a tradicional prova de questões que **medem** o conhecimento – enfim, uma experiência nova também para você.

Propostas de Questões para Avaliação

Caso você prefira aplicar questões para a avaliação, eis as sugestões:

1. O que nos ensina a reflexão sobre a razão instrumental?

A resposta esperada diz respeito ao conceito aqui apresentado e fundamentado por Adorno e Horkheimer: A razão instrumental refere-se ao processo de conhecimento que pretende a dominação do mundo, que pretende o controle total da natureza. Pela razão instrumental, o conhecimento e a técnica assumem objetivos de controle e dominação dos homens sobre a natureza e dos homens entre si.

2. Segundo Heidegger, qual é a essência do homem?

O aluno deve apresentar o conceito heideggeriano de essência do homem, que envolve a busca do ser – conforme o fragmento transcrito –, a capacidade de pensar o ser das coisas, indo além da aparência e

compreendendo as relações deste ser com o mundo.

Propostas de Situações de Recuperação

Os alunos que não conseguiram alcançar os objetivos desta Situação de Aprendizagem devem ser conduzidos aos procedimentos de recuperação, para os quais apresentamos as seguintes sugestões.

Proposta 1

Os alunos deverão fazer uma redação com o seguinte tema: “Vida autêntica de Heidegger”.

Proposta 2

Caso prefira, você poderá pedir-lhes que escrevam um texto de reflexão sobre o exercício prático referente à nova experiência.

Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

Livros

ADORNO, Theodor W. Notas marginais sobre teoria e práxis. In: _____. *Palavras e sinais: modelos críticos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Max. *Filosofia e teoria crítica*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica*: prospectos acerca do futuro do homem. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Franklin L. *Conhecimento e razão instrumental*. Psicologia/USP, v. 8, n. 1. São Paulo, 1997.

Site

Associação Filosófica Scientiae Studia. Disponível em: <http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_04.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2009. Neste *site* você encontra um interessante ensaio de Franklin Leopoldo e Silva denominado *Martin Heidegger e a técnica*.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 A CONDIÇÃO HUMANA E A BANALIDADE DO MAL

Para esta última Situação de Aprendizagem nossa proposta é abordar a condição humana e a banalidade do mal, com base em contribuições de Hannah Arendt. A partir disso, o educando será convidado a refletir sobre a ação em meio à sociedade.

Os conceitos de *labor*, *trabalho* e *agir* serão norteadores desta Situação de Aprendizagem e têm o intuito de construir uma crítica à subjetividade meramente técnica ou banal, do ponto de vista existencial.

Tempo previsto: 4 aulas.

Conteúdos e temas: Hannah Arendt, a condição humana, banalidade do mal.

Competências e habilidades: almeja-se dar aos educandos a possibilidade do exercício da reflexão crítica para pensar a condição humana.

Estratégias: aulas expositivas e exercícios de reflexão e leitura.

Recursos: texto para leitura.

Avaliação: muitas das tarefas são realizadas em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação oral são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Sondagem e sensibilização – A condição humana

A música *Comida* é um convite para iniciar esta reflexão. Apresente a letra da música dos

Titãs aos alunos, ou, se possível, a reprodução da canção em sala de aula. Em seguida, procure discutir o que nós verdadeiramente queremos.

Comida

Bebida é água.
 Comida é pasto.
 Você tem sede de que?
 Você tem fome de que?
 A gente não quer só comida,
 A gente quer comida, diversão e arte.
 A gente não quer só comida,
 A gente quer saída para qualquer parte.
 A gente não quer só comida,
 A gente quer bebida, diversão, balé.
 A gente não quer só comida,
 A gente quer a vida como a vida quer.
 Bebida é água.

Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto

Comida é pasto.
 Você tem sede de que?
 Você tem fome de que?
 A gente não quer só comer,
 A gente quer comer e quer fazer amor.
 A gente não quer só comer,
 A gente quer prazer pra aliviar a dor.
 A gente não quer só dinheiro,
 A gente quer dinheiro e felicidade.
 A gente não quer só dinheiro,
 A gente quer inteiro e não pela metade.

Rosa Celeste Empreendimentos Artísticos Ltda. e
 Warner/Chappell Music.

Dialogar e ler – A condição humana

Para esta aula será importante ter em mãos uma biografia de Hannah Arendt.

Qual é a condição humana? O que é isso? Para Hannah Arendt, a condição de homens e mulheres consiste em três atividades fundamentais da “vida *activa*”, sem as quais não há sobrevivência.

O **labor** consiste na atividade biológica do corpo, produção e consumo próprio do mundo privado.

O **trabalho** consiste na atividade com que os homens transformam o ambiente natural em artificial. Garante estabilidade diante da instabilidade da natureza.

A **ação** consiste na atividade em relação a outros homens; efetivamente, é a experiência política. Especificamente humana, a ação tem como condição a pluralidade de atos e palavras.

Diretamente, cada uma dessas atividades é associada a outros elementos: o Labor ao Eu, o Trabalho ao Mundo e a Ação ao Outro.

Essas três atividades estão intimamente ligadas ao nascimento e à morte, à natalidade e à mortalidade. O **labor** não apenas assegura a vida do indivíduo, mas o perpetua a espécie. Com o **trabalho**, a vida pode durar mais, pois os benefícios e o conforto gerados criam um mundo mais adaptado para a vida humana. Por mais que a vida seja efêmera, o trabalho permite maior permanência desta mesma vida. Pela **ação**, fundada na memória e na linguagem, criam-se a história e o encontro político entre os seres humanos.

A ideia de natalidade ou nascimento é muito importante no pensamento de Hannah Arendt. Cada bebê traz a certeza de um mundo novo, uma nova maneira de agir. Cada nascimento é uma nova possibilidade para o mundo.

A condição humana consiste na afirmação de que homens e mulheres são seres condicionados, porque tudo aquilo com o que

entram em contato torna-se uma condição para a sua existência, tanto em si mesmos quanto no mundo e com os outros. **Por isso, a condição humana não deve ser confundida com a natureza humana.** São categorias totalmente diferentes. A condição humana se refere ao condicionamento dos homens para a manutenção de sua existência, em face de si mesma, do mundo e dos outros. Já a natureza humana seria a essência do homem, impossível de ser alcançada pelo próprio homem.

A vitória do labor

Para Hannah Arendt, o homem moderno experimenta o problema de ter a dimensão do labor como a mais importante. A relação com os outros e com o mundo acaba substituída pela imediata satisfação das necessidades básicas. A vida, quando privilegia o labor, os prazeres biológicos, comer, dormir, beber, ter relações sexuais, trabalhar, apenas com o objetivo de sobrevivência, torna-se tão básica quanto estas necessidades.

Quando tratamos o mundo como uma forma de alcançar nossos objetivos imediatos, o que chamamos de trabalho deixa de ser transformação para ser labor; ele vira repetição sem fim, na desgastante rotina dos trabalhadores: alienação.

O agir também se reduz ao labor, na medida em que nossa relação com os outros não é nem de gratuidade nem de busca política, como o desenvolvimento humano de todos. Os outros são meros objetos, por meio dos quais nossas satisfações são realizadas, e a política deve ser orientada para o labor, para o básico, e nada mais.

Segundo Hannah Arendt, a tarefa da educação é introduzir os novos num mundo que é mais velho. As crianças, que ainda não assumem responsabilidade pelo mundo, precisam apropriar-se dos saberes para que, futuramente, possam agir no mundo. Quando isto não ocorre, a escola não é espaço de agir em busca de uma comunidade mais sábia.

E o que dizer da família, das associações, dos amigos, dos colegas, das festas, dos encontros, das artes? Cada um desses espaços coletivos deveria abarcar o agir em função da felicidade de todos. Mas o agir assim caracterizado não é predominante e sofre limitação dos objetivos que cercam o labor.

Agora, você pode indicar a leitura do seguinte texto. Como você sabe, o texto é fundamental para o aprofundamento no que diz respeito à leitura filosófica.

“Se compararmos o mundo moderno com o mundo do passado, veremos que a perda da experiência humana acarretada por esta marcha de acontecimentos é extraordinariamente marcante. Não foi apenas, e nem sequer basicamente, a contemplação que se tornou experiência inteiramente destituída de significado. O próprio pensamento, ao tornar-se mera ‘previsão de consequências’, passou a ser função do cérebro, com o resultado de que se descobriu que os instrumentos eletrônicos exercem essa função muitíssimo melhor do que nós. A ação logo passou a ser, e ainda é, concebida em termos de fazer e de fabricar, exceto que o fazer, dada a sua mundanidade e inerente indiferença à vida, é agora visto como apenas outra forma de labor, como função mais complicada, mas não mais misteriosa, do processo vital.

No entretanto, demonstramos ser suficientemente engenhosos para descobrir meios de atenuar as fadigas e penas da vida, ao ponto em que a eliminação do labor do âmbito das atividades humanas já não pode ser considerada utópica. Pois, mesmo agora, ‘labor’ é uma palavra muito elevada, muito

ambiciosa para o que estamos fazendo ou pensamos que estamos fazendo no mundo em que passamos a viver. O último estágio de uma sociedade de operários, que é a sociedade de detentores de empregos, requer de seus membros um funcionamento puramente automático, como se a vida individual realmente houvesse sido afogada no processo vital da espécie, e a única decisão ativa exigida do indivíduo fosse deixar-se levar, por assim dizer, abandonar a sua individualidade, as dores e as penas de viver ainda sentidas individualmente, e aquiescer num tipo funcional de conduta entorpecida e ‘tranquilizada’. O problema das modernas teorias do behaviorismo não é que estejam erradas, mas sim que podem vir a tornar-se verdadeiras, que realmente constituem as melhores conceituações possíveis de certas tendências óbvias da sociedade moderna. É perfeitamente concebível que a era moderna – que teve início com um surto tão promissor e tão sem precedentes de atividade humana – venha a terminar na passividade mais mortal e estéril que a História jamais conheceu.”

ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 335.

Duas questões podem ser trabalhadas com base no texto:

- ▶ Quais as limitações que o labor oferece para o agir, de acordo com o pensamento de Hannah Arendt?
- ▶ Qual o principal ensinamento presente na contribuição de Hannah Arendt sobre a condição humana?

Dialogar – A banalidade do mal

Inicie a aula perguntando para os alunos o que vem a ser o mal. Debata com eles de forma a orientar a discussão para o conceito de Hannah Arendt.

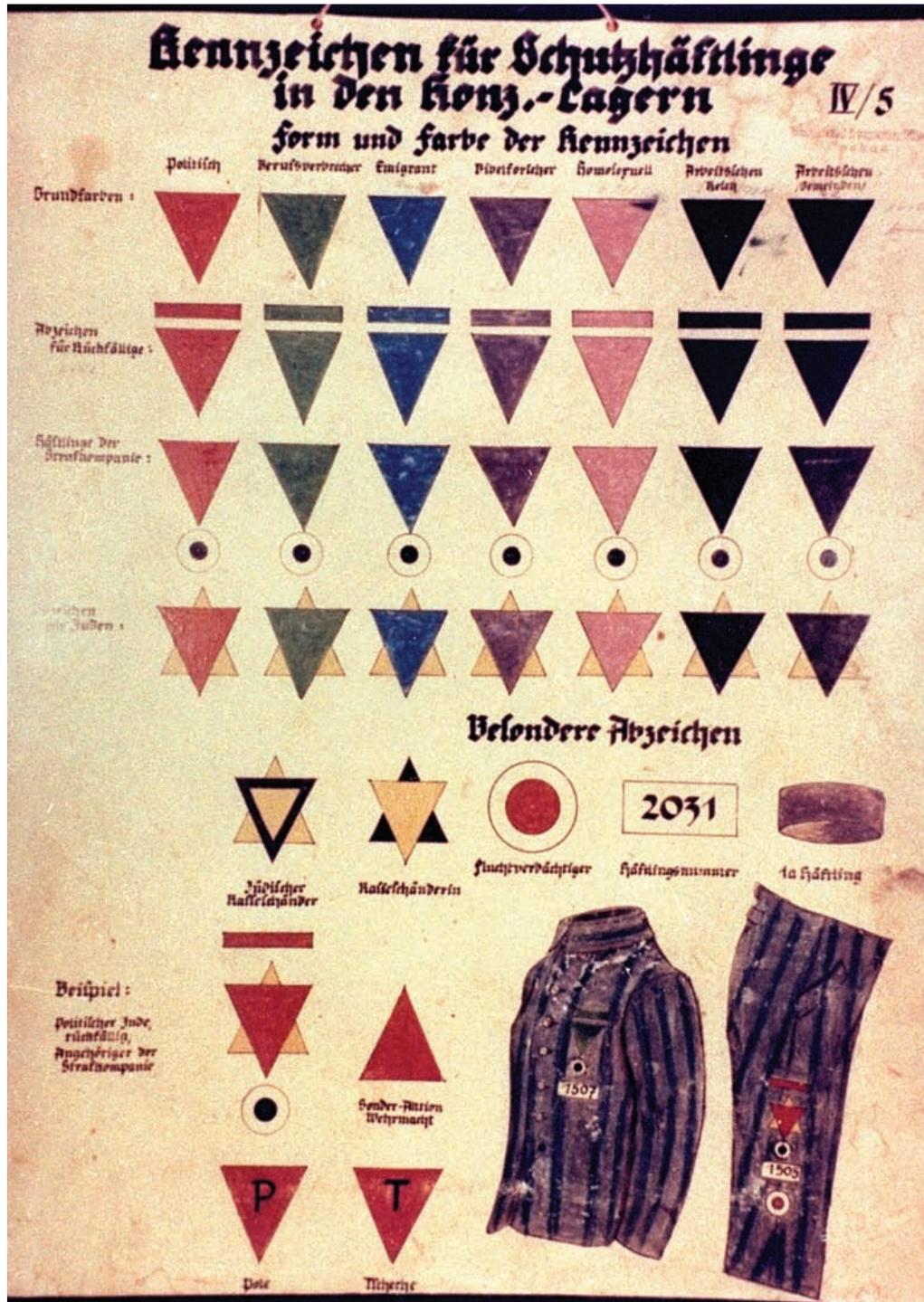
O mal sempre foi uma reflexão importante para a filosofia. Mas como entendê-lo tomando-se por base o pensamento reflexivo e crítico? A pergunta de Hannah Arendt orbita em torno dessa formulação. Como é possível que, no século XX, os homens convivam com um mal como o nazismo, por exemplo? Pensando nos campos de extermínio nazistas, que mataram milhões de pessoas por motivos banais,

como entender que foram tão poucos os que a eles se opuseram?

Os nazistas associavam sinais aos prisioneiros durante a Segunda Guerra Mundial. Os prisioneiros eram escravizados, torturados e assassinados por não serem – conforme estabeleciam as normas nazistas – arianos, heterossexuais, racionais, racistas e, em suma, nazistas. Conforme seu nascimento, sua religião, orientação sexual e postura política, o indivíduo era violentamente arrancado de sua casa, sem que seus amigos ou vizinhos se opusessem.

Analise com os alunos o cartaz que traz os símbolos nazistas para identificação dos prisioneiros dos campos de concentração.

Esclareça aos estudantes que os símbolos eram usados nos campos de extermínio nazistas para marcar os prisioneiros e indicar o tipo de violência a eles destinada. Aproveite para esclarecer que chamar Auschwitz ou Treblinka de **campos de concentração** acaba escondendo sua mórbida finalidade, que consistia em exterminar pessoas, e não em reuni-las em uma comunidade.



Cartaz com símbolos que identificavam os prisioneiros nos campos de concentração alemães. O enfoque e a opinião expressos nesta publicação e o contexto no qual a imagem é utilizada não necessariamente refletem o enfoque ou a política, nem implicam a aprovação do Museu do Holocausto dos Estados Unidos.

Símbolo	Indivíduos	Motivos
	Dois triângulos amarelos sobrepostos em forma de estrela: judeu.	Racismo, perseguição religiosa e discriminação social.
	Triângulo amarelo: judeu por religião ou filho de judeu.	Racismo, perseguição religiosa e discriminação social.
	Triângulo vermelho: comunista, anarquista, social democrata e liberal.	Perseguição política.
	Triângulo verde: criminosos comuns (assasinos, ladrões, estupradores e outros). Os arianos recebiam privilégios.	Discriminação social.
	Triângulo roxo: pessoas que, por motivos religiosos, não assumiam os projetos nazistas.	Perseguição religiosa e perseguição política.
	Triângulo azul: imigrantes, considerados apátridas.	Discriminação social.
	Triângulo castanho: ciganos.	Racismo e discriminação social.
	Triângulo preto: mulheres que ofereciam “risco social”, tais como lésbicas, alcoólatras, feministas, anarquistas, prostitutas e portadoras de deficiência.	Homofobia, discriminação social, perseguição política, machismo.
	Triângulo rosa: homossexuais masculinos.	Homofobia.

Esses símbolos, em sua maioria, marcavam pessoas comuns, presas e condenadas sem julgamento justo. Embora não seja difícil desaprová-las, uma forma de “justiça” que condena pessoas à morte por motivos religiosos, étnicos, por orientação sexual e outras razões igualmente injustificáveis, Hannah Arendt foi além, mostrando que esse mal não estava apenas nos soldados assassinos ou em Hitler, mas em todos os que não usavam, para combatê-lo, sua faculdade mais sublime, que é o pensamento. A banalização do mal está, justamente, no fato de que as pessoas são apenas supérfluas e não críticas, fingindo que aquilo não lhes diz respeito, pensando somente em si.

Enfim, a vida do labor permite o mal total e a banalização do mal, como Hannah Arendt viu na figura do oficial nazista Adolf

Eichmann, durante seu julgamento, ao fim do qual foi condenado à morte por crimes contra a humanidade.

Ao contrário de muitos que viam em Eichmann a personificação do mal, Arendt viu nele uma **figura banal**. Para ela, são as pessoas banais que se omitem ou fazem as piores atrocidades. O mal não é sedutor nem monstruoso, como a mitologia pinta, mas banal, comum, ordinário. Eichmann não era um pivô, uma parte fundamental, mas apenas uma peça na engrenagem nazista, que poderia muito bem ser substituída por outra.

Por ser peça de uma engrenagem, Eichmann apenas viveu a atividade do labor. Procurou apenas sobreviver, sem refletir sobre o modo como vivia. Sem aprofundar sua sobrevivência, apenas executou ordens, obedeceu e lucrou

com isso, enquanto pôde. Mas suas ordens faziam parte de um sistema de destruição: matou crianças, mães, pais, jovens, idosos, sem questionar se aquilo, realmente, era ou não um mal. E, se o fez, não assumiu outras dimensões da vida *activa*, como o trabalho e a ação; trabalho, como construção de um mundo, e ação, como o que permite que esse mundo seja melhor.

Banalidade do mal na democracia

Eichmann matou e deixou morrer por “obedecer a ordens”. Durante o nazismo, o povo alemão matou e deixou morrer “por não saber o que acontecia”. Os judeus foram mortos, mas também deixaram morrer, porque muitos não se revoltaram, não reagiram. Enfim, Hannah Arendt aponta para uma dimensão terrível do mal, terrível porque ele não está apenas nos **grandes** assassinos da história, nos vilões, mas em todas as pessoas que não se comprometem com a vida, em todas as pessoas que matam ou deixam morrer.

Ainda segunda essa ótica, como encarar as pessoas que votam em políticos corruptos por causa da propaganda, ignorando os fundamentos críticos da vida política (ação)? Ora, a corrupção começa no instante em que as pessoas não se importam com a política. Cada indivíduo que não procura entender a política, escondendo-se atrás de desculpas, é culpado pela corrupção. Como a corrupção mata? Com a diminuição do número de hospitais, centros de alimentação, casas de acolhida para adolescentes e crianças; com escolas mal aparelhadas, professores mal pagos, empresas que adulteram remédios e alimentos; com o aumento da falta de segurança nas ruas, do número de policiais mal remunerados e correndo risco de morrer; com cadeias superlotadas que não recuperam ninguém... Enfim, se alguém morre por algum dos efeitos do desvio de verbas, o eleitor também é responsável por essa morte.

Para quem banaliza o mal, é fácil culpar apenas um ou outro político. Mas o que se deve pensar é como cada um age. Muitos políticos envolvidos em sucessivos escândalos continuam a ganhar eleições – eis uma banalidade do mal: votar sem analisar e desconfiar, dar o voto a gente suspeita.

Propostas de Questões para Avaliação

1. O que significa a ideia de que o labor venceu o agir e o trabalho?

Espera-se que os educandos respondam com base nas discussões sobre o conceito de condição humana e os problemas de uma vida centrada apenas no labor.

2. O que significa a expressão “banalidade do mal”?

Os alunos devem procurar apresentar o conceito discutido pela filósofa Hannah Arendt, utilizando-se do exemplo dos nazistas e o aplicando à sociedade atual.

3. Releia este trecho de Hannah Arendt:

“[...] O último estágio de uma sociedade de operários, que é a sociedade de detentores de empregos, requer de seus membros um funcionamento puramente automático, como se a vida individual realmente houvesse sido afogada no processo vital da espécie, e a única decisão ativa exigida do indivíduo fosse deixar-se levar, por assim dizer, abandonar a sua individualidade, as dores e as penas de viver ainda sentidas individualmente, e aquiescer num tipo funcional de conduta entorpecida e ‘tranquilizada’”(ARENDT, 2007).

Este trecho trata da:

- a) vida *activa*;
 - b)** vitória do labor;
 - c) atividade do trabalho;
 - d) atividade do agir;
 - e) banalidade do mal.
4. Assinale as alternativas corretas a respeito do pensamento de Hannah Arendt:
- a)** O labor é a atividade humana referente às necessidades biológicas.
 - b)** O trabalho é a atividade humana referente à construção do mundo humano, que não é somente trabalhar para ganhar dinheiro, e sim construir melhorias, como a arte.
 - c)** A ação diz respeito à relação entre as pessoas; é a dimensão política por excelência.
 - d) O labor é a parte fundamental da vida humana e por isso Arendt vê com bons olhos a sua vitória sobre as outras dimensões da vida *activa*.
 - e) A banalidade do mal significa a ação de pessoas que agem de forma monstruosa.
5. Leia com atenção o seguinte trecho de Hannah Arendt: “É perfeitamente concebível que a era moderna – que teve início com um surto tão promissor e tão sem precedentes de atividade humana – venha a terminar na passividade mais mortal e

estéril que a História jamais conheceu.” Para a autora, essa “passividade mais mortal” significa que:

- a)** O homem moderno está centrado apenas nas necessidades básicas, ou seja, na vitória do labor;
- b)** O homem não reage contra as adversidades;
- c) Por causa da poluição as pessoas estão ficando estéreis;
- d)** Ninguém procura se aprofundar sobre a existência, privilegiando a prática mais imediata e se esquecendo do trabalho de transformar o mundo e da ação política.
- e) A história moderna inicia com um surto e acaba calma e tranquila.

Propostas de Situações de Recuperação

Proposta 1

Peça aos alunos que escrevam um resumo sobre os conceitos de condição humana e banalidade do mal.

Proposta 2

Peça-lhes que escrevam um texto sobre a banalidade do mal, com base em uma questão da sociedade brasileira atual (exemplos: a violência contra os mendigos, um episódio de racismo e/ou preconceito, o desrespeito aos indígenas, o trabalho infantil, a morte de bebês em maternidades, a adulteração de remédios ou alimentos).

Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

Livros

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Sites

Biblioteca Geral da Unicamp. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

Teses USP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como você sabe, o trabalho de ensinar cidadania cabe a toda a sociedade. Porém nossa profissão, a cada dia mais reconhecida socialmente, tem uma função especial nessa tarefa, que consiste em falar abertamente dos problemas da cidadania, da sociedade, da justiça, da liberdade, dos poderes e das ideias.

Quando se apresentam situações de injustiças constantes, nossa tarefa é enfrentá-las, inspirados pela tradição filosófica, que nunca se esquivou de perceber os problemas e pensá-los de maneira sempre radical, buscando não apenas resolvê-los, mas, além disso, levar a humanidade a uma existência de cooperação e solidariedade, por meio da reflexão crítica e da ação política.